

*A função da proteção
mutualista na construção
de uma identidade
operária na Espanha
(1870-1910).*



A FUNÇÃO DA PROTEÇÃO
MUTUALISTA NA CONSTRUÇÃO
DE UMA IDENTIDADE OPERÁRIA
NA ESPANHA (1870-1910)¹.

O socorro mútuo operário engloba ao menos dois temas possíveis de estudo. Por um lado, o da história do serviço prestado que desemboca, bem mais tarde, nas atividades e instituições de seguridade social; por outro lado, o do seu papel no desenvolvimento do movimento operário organizado e nas representações que este constrói. Para muitos casos europeus, os historiadores propõem um modelo de interpretação. Teria sido nos anos de sua formação que as sociedades de socorros mútuos influíram na construção da consciência operária e na forma futura de certas organizações de classe. Mas quando estas últimas passaram a atuar de modo mais efetivo, as atividades de socorro tornaram-se mais neutras e menos participativas. A partir de certo momento, o sócio transforma-se em nada além do que um componente passivo². Sempre segundo esse esquema interpretativo, as atividades de socorro que funcionavam de modo autônomo e descentralizado também se vão transformando. Ou constituem-se amplas federações de associações mútuas, ou então sociedades de base fundem-se em uma organização centralizada de dimensões nacionais. É evidente que uma relação simbólica entre o trabalhador e o serviço social recebido nunca

¹ Este texto foi originalmente publicado em espanhol com o título “La función de la protección mutualista en la construcción de una identidad obrera (1870-1910)”, em *Sociología del Trabajo*, Nova Época, (16), outono de 1992, p. 143-163.

² Cf. E. P. THOMPSON. *La Formación Histórica de la Clase Obrera. Inglaterra: 1780-1832*. Barcelona, Laia, 3 vols., t. 2, p. 335; J. GAILLARD, “Le mutuellisme au 19^e siècle”, *Prévenir*. (9); “Autour du Premier Congrès des Sociétés de Secours Mutuels. Lyon, 1883-1983”, Marselha, maio de 1984, p. 12-15; M. REBÉRIOUX, “Première lecture du congrès de 1883”, *ibid.*, p. 82-84.

desaparece - nem nos dias de hoje - mas a atividade de socorro deixa paulatinamente de cumprir aquele papel, atribuído a suas manifestações anteriores, de favorecer a autonomia das iniciativas operárias. São os sindicatos e partidos ditos de classe que passam a expressá-la daí por diante e que vão difundindo seus próprios modelos e representações.

Durante muito tempo considerou-se que a trajetória espanhola era aparentemente similar. No entanto, esta semelhança nunca passou de uma afirmação. Na realidade, prestava-se bem pouca atenção ao socorro mútuo. Os historiadores do movimento operário - para usar uma expressão cômoda - ao aceitarem uma visão muito hierarquizada do movimento social, apenas aludem a atividade de socorro como um passo prévio e obrigatório, mas muito mal conhecido³, para chegar às primeiras sociedades de resistência.

Ao levar-se em conta a atitude de anarquistas e socialistas, contemporâneos do período estudado, com respeito ao socorro mútuo na Espanha, podem depreender-se duas valorizações de sua presença. Acabamos de aludir à primeira: as formas de associação que poderíamos chamar de "menores" - cooperativas, educação, cultura e diversões populares, etc. - e, em particular, à solidariedade diante do acidente ou da enfermidade, considerada como insignificante em seus resultados. Ambas são até mesmo perigosas, já que podem prejudicar as atividades essenciais, isto é, a resistência e, é claro, a organização da classe, com fim ideológico-político.

No mesmo ano de fundação da União Geral dos Trabalhadores - UGT, Iglesias, por exemplo, afirmava, com relação às tentativas de socorro mútuo:

"Em primeiro lugar, é cada vez menor o número de trabalhadores que acorrem a esse tipo de reivindicações, e (...) além disso, ainda admitindo que a ele acorrem impulsionados pelo fim utilitário do momento, como seus males não diminuem com isso, como a exploração é

³ Cf. M. TUNÓN DE LARA. *El Movimiento Obrero en la Historia de España*. Madri, Taurus, 1972, p. 127-128.

cada vez maior e a miséria mais aguda, não ficarão muito tempo nas referidas sociedades [de socorro mútuo] e acorrerão necessariamente ao campo socialista que é o último que oferece às suas desgraças e infortúnios um seguro e radical remédio.”⁴

Indubitavelmente, a imprensa anarquista, tanto por sua sensibilidade “anti-organizativa” como por desejo de afirmar sua radicalidade, expressava o mesmo tipo de crítica. Em 1888 também, ao falar de um recente conflito com os mestres, escrevia um fundidor no periódico ácrata *El Productor*:

“Já fundada a associação ou montepio de socorros mútuos, não demorou muito tempo para que surgissem questões de trabalho, e como estas têm que resolver-se pelas idéias e não pelos santos, tratou-se de formar a seção de ofício.”⁵

Entretanto, estas frases são também um testemunho claro de que, apesar de suas veleidades voluntaristas, libertários ou socialistas tinham que reconhecer, inclusive de modo velado, que não poucos operários se sentiam ainda atraídos pelas sociedades de socorros mútuos. Se estas estivessem tão afastadas dos hábitos, não teria sido necessário travar contra elas esse tipo de combate dissimulado. O habitual silêncio da imprensa operária pode chegar a ser interpretado como uma maneira de eludir um problema concreto ou de calar sobre o não desaparecimento dos montepios* operários – se é que estavam desaparecendo – com a rapidez que se teria desejado. Ademais, a menção aos “santos” que se encontra na segunda citação – como veremos, muitas sociedades de socorro mútuo continuavam aludindo a eles em sua denominação – mostra que referências que parecem pré-

⁴ *El Socialista*, 6/07/1888.

⁵ *El Productor*, 3/08/1888.

* N. T. - Optou-se por conservar o termo tal como aparece no original, porque, como o texto torna evidente no caso espanhol, ele tem uma acepção bastante ampla, servindo inclusive para designar sociedades de socorros mútuos, ao passo que, no Brasil, geralmente significa um fundo de pensão, que eventualmente pode fazer empréstimos aos seus cotistas.

industriais não estavam tão distantes, como se poderia imaginar, da experiência comum dos operários mais combativos.

Mesmo depois da emergência das correntes operárias radicais na sociedade espanhola, o socorro mútuo não constitui, pois, um mundo anacrônico nem tampouco fechado. Além disso, no princípio do século, chegou o tempo em que as organizações sindicais, e muito particularmente a UGT, tentaram assumir explicitamente parte das preocupações que constavam dos fins dos montepios operários. Aí figuram, no campo socialista, as discussões sobre as “bases múltiplas”⁶ e também a relação do anarquismo com as iniciativas de educação popular que, às vezes, integram formas de socorro. A trajetória não é, pois, tão linear.

Parece legítimo, portanto, propor uma interpretação do papel do socorro mútuo na história das atitudes e representações do movimento operário na Espanha⁷. Mas, já que ainda faltam muitas informações e muitas fontes, esta não pode ser, no momento, outra coisa senão uma hipótese. Em uma segunda e breve parte tentarei ressaltar algumas das perguntas que continuam colocadas. Apenas depois de preencher certos vazios, será possível dizer se a função do socorro mútuo operário, durante os trinta ou quarenta anos estudados, teve o impacto que alguns de nós temos a tentação de atribuir-lhe.

1. LAICIZAÇÃO. DEMOCRATIZAÇÃO.

O material de que se dispõe sobre o socorro mútuo operário torna difícil traçar seu panorama. Na maioria dos casos é composto pelos estatutos publicados pelas diferentes sociedades. Estes são numerosos, porém díspares. Poucas vezes

* N. T. - Conceção de que a ação de resistência não deve eliminar outras formas de ação, como as de caráter mutualista, cooperativista, etc.

⁶ As discussões sobre as bases múltiplas foram precedidas por iniciativas concretas, como a da sociedade de pedreiros O Trabalho [El Trabajo] de Madri.

⁷ Isso foi exposto de maneira mais completa em M. RALLE. “El montepío obrero, ¿anacromismo o modelo?”. *Estudios de Historia Social*, Madri. 1984, p. 7-19, ou em “La sociabilidad obrera en la sociedad de la Restauración (1875-1910)”. *Estudios de Historia Social*. 1989, p. 194-197. No presente trabalho matizam-se algumas das hipóteses iniciais.

oferecem uma continuidade que permita ver as modificações ao longo de um período mais amplo. Ainda menos freqüentes são os balancetes anuais, que são um indício mais fiel da atividade concreta, já que os regulamentos não nos dizem como realizou-se o projeto nem quanto tempo durou. A documentação interna constitui a exceção⁸. As convocatórias através da imprensa somente envolvem um número muito reduzido de associações, se bem que constituam uma prova de sua vida efetiva⁹. As reações pouco claras do Estado com relação ao socorro mútuo não tornam mais simples a leitura da paisagem. Indicativo claro disso são as vacilações das diferentes “estatísticas” que as autoridades tentaram levar a cabo em matéria de associações¹⁰. Porém não é secundário, apesar de tudo, que, examinado do ponto de vista

⁸ Devemos assinalar, porém, as possibilidades oferecidas pelos arquivos municipais, pelo menos de uma parte destes.

⁹ Em Valência, por exemplo, verificamos, por essa via, a regularidade da sociedade A Oficina [El Taller] (cf. *El Mercantil Valenciano*, 10/02/1893, 25/01/1895, etc.).

¹⁰ Que porcentagem da realidade abarcavam? Ainda que tivesse sido conservado todo o material que serviu de base para as pesquisas do Ministerio de Gobernación [Ministério de Governo] durante a Restauração, restariam grandes incógnitas. Até mesmo para classificar e definir as associações de socorro, o governo experimentava grandes vacilações, inclusive depois da criação do Instituto de Reformas Sociais. Essas associações são designadas, variando conforme os anos e os governos municipais, como “montepios”, de “socorro mútuo”, “humanitárias”, “beneficentes”, “protetoras dos operários”, “cooperativas”, etc. ... (cf. Balances para los años 1886 y 1890 del Ministerio de Gobernación [Archivo Histórico Nacional: Ministerio de Gobernación, maços 575 e 2.354] e Instituto de Reformas Sociales, *Estadística de la Asociación Obrera en 1º de noviembre de 1904*, Madri, 1907; Instituto de Reformas Sociales, *Estadística de la Asociación, de la Cooperación y del Ahorro Obrero*, Madri, 1917). Tais dúvidas não impedem que a *Estadística...* de 1904 omita quase todas, em particular as sociedades da Catalunha (p. 47-63). O volume de ausências na *Estadística...* de 1916 - pode-se comprovar cotejando os muito incompletos relatórios acessíveis - é o mais claro indício de que os problemas da enfermidade, da invalidez, do desemprego, etc. foram abandonados às iniciativas particulares. O governo só tomava parcialmente conhecimento delas. O interesse era ainda menor no que dizia respeito às tentativas privadas para fomentar a educação e o lazer dos operários, e parece muito difícil reconstituí-las (aparecem poucas informações, por exemplo, nos célebres cinco volumes da Comissão de Reformas Sociais).

cronológico, um período bastante amplo de estatutos e atitudes indique uma tendência que os distancia daquilo que propunham em um primeiro momento, isto é, algo bastante convencional se o compararmos com os objetivos e as práticas das irmandades, as quais eram evidentemente anteriores e sobretudo pertenciam, aparentemente, a outra cultura político-social.

É mais fácil perceber uma evolução nas referências do discurso dos montepios operários do que descrever a que afeta a realidade dos serviços prestados, trabalho que não se pode ainda levar a cabo na medida em que o material não permite reconstituir a continuidade - ou as interrupções - das atividades de socorro. Estas, por outro lado, têm perfis regionais - ou, inclusive às vezes locais bastante distintos. A modéstia dos serviços prestados que, salvo exceções pouco numerosas, não passam de socorro à interrupção de trabalho, incita a atribuir importância aos projetos tanto explícitos como implícitos. Tampouco parece secundário sublinhar a existência de um processo de laicização da vida ou, ao menos, das referências das entidades de socorro, uma democratização de suas práticas internas concomitantemente a uma autonomização do componente operário frente às tutelas eclesásticas ou dos notáveis. Apesar do caráter intermitente dos testemunhos sobre a evolução dos estatutos, estes, quando se pode dispor das diferentes redações durante um certo espaço de tempo, dão fé desse processo. Os títulos são menos decisivos que os preâmbulos uma vez que a maioria parece ainda uma clara herança das irmandades, à qual progressivamente se mesclam alguns símbolos da tradição laica. De 22 montepios fundados em Barcelona entre 1890 e 1892, período contemporâneo ao primeiro "Primeiro de Maio", 9 denominações abrigam uma alusão claramente religiosa (montepios de São Valentim, de São Pedro Pescador, de Nossa Senhora das Mercês, da Virgem da Boa Saúde, da Bandeira de Santa Eulália, do Pendão de Santa Eulália, de Colombo sob a proteção de São Cristóvão - provavelmente comemorando o quarto centenário do descobrimento - de Santo Antônio de Pádua, de Nossa Senhora das Dores). São mais freqüentes as denominações que se situam no campo do humanitarismo e do solidarismo laicos (A Aliança Humanitária, As Filhas do Trabalho, O Progresso Nacional, A Lealdade) ou do corporativismo profissional¹¹. Deve-se ter em conta que muitos

¹¹ Instituto de Reformas Sociales, *Estadísticas...*, Madri, 1917, p. 482-483.

montepios com nomes de santos afirmavam em seus estatutos seu caráter laico ao mesmo tempo que seu apoliticismo: o processo de secularização é nitidamente efetivo. Muitas vezes o santo somente serve para lembrar um tipo de ofício, como ocorre com Santo Antônio para os pedreiros. Deve-se insistir que isso tem lugar enquanto se ia produzindo episódios públicos de rejeição de um dos objetivos da ajuda mútua: o socorro em caso de falecimento e mais precisamente para pagar os funerais. Esse processo é muito efetivo na Catalunha, diante de certas iniciativas patronais denominadas *caixas dels morts* pela opinião operária quando as encontra em seu caminho, se bem que isto não se produz em nome de uma defesa de alguns montepios laicos, mas na defesa da autonomia da organização operária¹².

Já estamos aludindo a outro aspecto bem conhecido do movimento de emancipação: a vontade de independência frente à presença de pessoas chamadas habitualmente de “sócios protetores” em muitas sociedades que não nasceram de uma iniciativa estritamente operária, mas que logo fizeram-se mais independentes. O papel destes personagens, que continuarão sendo habitual no socorro de inspiração católica¹³, vai-se tornando cada vez mais excepcional nos montepios comuns, pois, a partir dos anos 1880, estes rechaçarão os vestígios das associações ditas “mistas”. Não é muito difícil imaginar como podiam influir nas decisões dos membros operários. Com frequência, obtinham esse reconhecimento graças a um donativo em dinheiro ou à sua posição social, e aproveitavam-no em certos casos para exercer uma atividade de clientela (Moret*, por exemplo, foi “protetor”

¹² Há alguns exemplos em Tarrasa (*El Productor*, 17/08/1888) e em Sallent (*El Productor*, 19/10/1890). Algumas informações podem ser encontradas em M. RALLE, “Las huelgas antes y después del Primero de mayo”, em *Estudios de Historia Social* (no prelo).

¹³ Cf. J. A. GALLEGO, *Pensamiento y acción social de la Iglesia en España*, Madrid, Espasa-Calpe, 1984, p. 154-155.

* N. T. - Segismundo Moret y Prendergast (1838-1913), político liberal e juriconsulto, foi diversas vezes ministro na Restauração, que através da Comissão de Reformas Sociais deu os primeiros passos para uma legislação social tratando dos acidentes de trabalho e da regulamentação do trabalho de mulheres e crianças.

de não poucas associações)¹⁴. Esta transformação habitualmente ocorre sem muito alarde, enquanto, em outros campos, como no do socorro mútuo profissional, produzem-se as primeiras batalhas para a obtenção da gestão autônoma do socorro, como por exemplo nas minas de Triano, ou nas cooperativas de consumo, de Altos Hornos, providas de seção de socorro, provocando reações de despeito dos patrões da mineração ou da siderurgia¹⁵.

Trata-se de uma progressiva porém lenta evolução, difícil de periodizar já que não se torna visível de modo pormenorizado na leitura de estatutos e regulamentos. As numerosas disposições regulamentares, que suscitam a ironia da imprensa ácrata, transmitem mais a impressão de rotina. Porém, não se deve esquecer que seu fim essencial era a gestão dos fundos dos sócios, e estes não estavam dispostos a entregá-los sem um mínimo de garantias, tanto médicas como contábeis, frente à demanda de indenização. Se pretendiam existir de verdade, as associações de socorros mútuos tinham que cumprir requisitos precisos, já que o montante da arrecadação de um mês não permite mais do que a ajuda a um ou dois doentes ou acidentados durante o período. Por outro lado, a lei exigia certas disposições para autorizar a propriedade coletiva - ou cooperativa - do dinheiro¹⁶. Entretanto, essas obrigações não são as que fazem emergir dos estatutos a idéia de que a garantia mais efetiva, sobretudo no caso de divergência interna, reside em recorrer à vontade majoritária dos associados, sem intermediários externos (tabeliães, advogados, referências estatutárias a artigos da lei, luxo de disposições, etc.). A consulta de estatutos e regulamentos mais antigos, e em particular anteriores a 1868, mostra um maior

¹⁴ Um exemplo bastante completo da presença de Moret está na *Sesión inaugural de la Sociedad Cooperativa de Obreros de Toledo del 29 de junio de 1884*, Toledo, 1884. Cf. também GALLEGO, *loc. cit.*

¹⁵ *La Lucha de Clases* de Bilbao publica em 1897 (21/08; 25/09; 2/10; 16/10) artigos sobre o conflito opondo os trabalhadores nas minas e as companhias. Para Altos Hornos, cf. Archivo Municipal de Baracaldo, maço 198. Deve-se notar que os atores da rejeição da presença patronal no socorro à enfermidade ou a acidentados não conseguiram constituir um socorro operário.

¹⁶ Cf. o artigo sobre a divisão dos bens em caso de dissolução.

acúmulo de precauções de tipo jurídico que já não se encontram dez ou vinte anos mais tarde¹⁷.

A aplicação progressiva deste modelo acarreta uma série de conseqüências, pelo menos nos locais em que o fenômeno do socorro mútuo parece mais denso, isto é, no caso da Catalunha e quando se trata dos montepios mais avançados. Em primeiro lugar, que os estatutos obriguem que ninguém possa rejeitar um cargo na junta diretora (quando o analfabetismo não o impede, é claro) e que também nele não se possa permanecer por mais tempo que uns poucos anos. Estas disposições tornam mais clara outra obrigação aparentemente paradoxal, presente em vários montepios operários catalães: a de proibir que a associação ultrapasse um número limitado de membros, em geral entre 150 e 300¹⁸.

Decerto, a dimensão funcional da vida concreta em um montepio obriga a optar às vezes por este tipo de solução: a organização não podia cobrir uma zona ampla demais sem correr o risco de não verificar a veracidade dos acidentes ou das enfermidades dos sócios. Isto, porém, poderia ser remediado pelo estreitamento de relações com outras sociedades. Se um montepio não chegava a delegar suas funções a outro era porque - e retomaremos esse tema adiante - o problema de centralizar as associações não se colocava então. Seja como for o resultado é bastante evidente: organizações que permitem o contato direto, que são muito autônomas umas das outras, que querem funcionar de modo irrepreensível e até idealmente democrático, que prescindem de especialistas pagos, e, por conseguinte, que impedem a formação de intermediários, pois existiriam militantes capazes de prestar seus serviços a muitas sociedades de socorros mútuos, ao mesmo tempo, de favorecer uma concentração de suas gestões. Entretanto, se o fenômeno encontra-se bem

¹⁷ Por exemplo, anterior a 1868, *Reglamento para la planta y régimen de la Sociedad de Socorros Mutuos de Tejedores de Velo* (Barcelona, s. d.). Os estatutos de 1873 da Sociedad de Maquinistas y Fogoneros de Barcelona y sus contornos, *Reglamento interior* (Barcelona, 1873). Para Madri, *Reglamento de la Sociedad Tipográfica de Protección y de Socorros Mutuos*, Madri, 1849.

¹⁸ O material acessível no arquivo do Governo Civil de Barcelona confirma essa tendência, o qual possui uma das maiores coleções de estatutos e de documentação interna de montepios operários.

difundido na Catalunha, na qual a maior presença do socorro mútuo fornece documentação suficiente¹⁹, não é evidente que este impulso democrático penetrara tão profundamente em outras regiões do país onde o fenômeno, e não é um aspecto secundário da questão, difunde-se de modo mais tardio e com menor amplitude. Seria interessante uma comparação das dimensões e das modalidades.

A cronologia e a distribuição geográfica têm, portanto, importância. As cifras disponíveis indicam a existência de áreas com concentração e outras quase desérticas²⁰. Já dissemos que é expressiva a presença do socorro nas províncias catalãs, onde estão presentes de modo notável outros fenômenos associativos²¹. Em 1916 existem 1.230 sociedades de socorro mútuo de aparência operária na província de Barcelona, 415 na de Gerona, 231 na de Tarragona, 154 nas Baleares. A de Lérida atinge 142, número notável com relação à sua população e seu desenvolvimento. Madri, pelo contrário, tem 82 apenas, às quais seria preciso acrescentar as sociedades de resistência que tinham socorros mútuos - fenômeno já então freqüente no sindicalismo socialista - o que suporia algumas dezenas a mais; em outras palavras, pouco para o tamanho da cidade. A densidade é maior no País Valenciano, quase equivalente à catalã: 243 na província de Valência, 108 em Alicante, 67 em Castellón de la Plana. Enquanto as províncias bascas de Vizcaya (216) e de Guipúzcoa (116) são mais que regulares. Na província de Oviedo não passa de cem (91), assim como em Santander (95).

A cronologia confirma por sua vez estes perfis geográficos. Sempre de acordo com a *Estadística...* de 1916, 57,5% dos montepios da província de Barcelona que têm indicado seu ano

¹⁹ Nesse caso, inclusive, é onde os montepios têm de modo geral pequenas dimensões e as preservam.

²⁰ Por ser impossível comparar dados locais mais precisos, porém mais parciais, o balanço proposto se funda sobre as duas *Estadísticas...* sobre associações publicadas pelo IRS (cf. nota 9).

²¹ Cf. Pere SOLÀ GUSSINYER. "El mutualismo contemporáneo en una sociedad industrial: Anotaciones sobre el caso catalán (1880-1939)", comunicação apresentada no Primer Encuentro Internacional sobre las Sociedades de Socorros Mutuos de Trabajadores en España: siglos XIX e XX"; Madri, 25, 26 e 27 de junho de 1992.

de fundação são anteriores a 1904 (451 em 784), 56,2% em Tarragona, 39% em Gerona, 38,4% nas Baleares. As porcentagens são quase similares no âmbito valenciano: 55,5% em Alicante, 38,8% em Castellón, 30,8% em Valência. Vizcaya e Guipúzcoa, cuja industrialização é mais recente, tinham cada uma, em 1904, 32% de seus montepios de 1916. Em Santander a porcentagem não chega a 27,8%. Nas Asturias chega a 19,5%, igual a Madri. Nestes casos, o sindicalismo, em particular o socialista, corrigiria em algum grau estas porcentagens, as quais, é preciso repetir uma vez mais, devem ser consideradas com certa cautela. A originalidade catalã é clara, sendo o caso da província de Barcelona o mais espetacular. Dos seus 784 montepios com data de origem que figuram na *Estadística...* de 1917, 392 (50%) são anteriores a 1901, dos quais 100 (12,75%) já existiam em 1868. Por certo, o sexênio não foi tão abundante, uma vez que não restavam mais do que 18 deste período, em que a resistência continuava a combinar-se às vezes com o socorro²². Por outro lado, entre 1875 e 1900 foram criadas pelo menos 274 sociedades operárias de socorro mútuo capazes de sobreviver para além de 1915²³. E não seria legítimo reduzir estas organizações de modo a camuflar a resistência nos tempos de repressão, uma vez que, se assim tivesse ocorrido, não se teriam desenvolvido com tanta constância nos anos posteriores a 1880.

Apesar da anterioridade catalã e, em certa medida, levantina, o socorro mútuo desenvolve-se tarde na Espanha, inclusive na Catalunha, conseqüência muito provável da sobrevivência de modelos de antigo regime, isto é, das irmandades. E aqui parece legítimo expressar uma dúvida, a levar em conta na hora de realizar o balanço final. As atitudes que

²² Cf. alguns exemplos citados em M. RALLE, "El montepio obrero...", *art. cit.*, p. 17, nota 12. O vocabulário é significativo no "artículo 20" do *Reglamento de las tres secciones de vapor de Mataró, Hilados, tejidos, jornal* (Barcelona, 1872); "Todo sócio que sofra alguma desgraça em seu respectivo trabalho e o fabricante não lhe der sua jornada, a sociedade lhe concederá o pagamento semanal de grevista. O pagamento durará enquanto estiver privado de trabalhar, não passando do prazo de meio ano." (Arquivo Municipal de Mataró).

²³ *Estadística ...* de 1917, p. 356-359 e 439-450.

expressam vontade de laicização, de autonomia e de igualdade constituem uma contribuição do socorro operário às organizações de classe, ou não são mais do que o eco de uma evolução mais geral que atingiria o mundo mais tranqüilo do socorro mútuo como uma de tantas iniciativas operárias de distintas índoles? Quando se desenvolve na maior parte da Espanha, quer dizer, quando ao lado das irmandades começa a ser significativo o número de sociedades de socorro, já existe, ao contrário daquilo que sucede em outros países, de modo mais ou menos denso porém efetivo, uma presença do movimento operário radical e de seus temas. É, portanto, mais difícil do que em outros lugares conceder-lhe o papel de primeira elaboração de uma consciência operária “coletiva, com suas correspondentes teorias, instituições, disciplinas e valores comunitários” que é, segundo Thompson, o que a distingue²⁴. Dadas as características próprias do mundo do trabalho na Espanha, não seria estranho que os fenômenos de radicalização e os de formação de um socorro mútuo fossem mais contemporâneos, e que se estabelecesse um tipo distinto de influência, talvez mais recíproca.

Pode ser que este desenvolvimento tardio ajudasse a manter o aspecto autônomo das sociedades de socorros mútuos. É característico da situação espanhola o não aparecimento, durante toda a fase aqui examinada, nem tampouco um pouco mais tarde, de organismos que tentaram centralizar ou federar os montepios operários, a não ser algumas exceções limitadas²⁵. Todavia, em 1914, e na área de maior densidade de socorros mútuos, a de Barcelona, uma testemunha interessada podia descrever assim a situação:

“A lástima é que haja tantos Montepios - calcula-se mais de mil somente nesta cidade, e não passa semana, quase, que não se funde outro mais - pois afora ser uma

²⁴ Cf. E. P. THOMPSON, *La Formación Histórica de la Clase Obrera. Inglaterra: 1780-1832, op. cit.*, p. 335.

²⁵ Em Barcelona, a União e Defesa dos Montepios, de inspiração moderada, tem semelhante aspiração (cf. Acuerdos de 1896: “Podrá entender la Junta si los Montepíos reclaman su auxilio y su cooperación...”; Archivo del Gobierno Civil, Barcelona, expediente nº 2.084). No entanto, isto não chegou, durante muito tempo, a passar de uma intenção.

grave dificuldade para a solvência e seriedade de alguns, os gastos gerais poderiam reduzir-se de uma maneira notável para o bem dos próprios associados, porque poderiam aplicar-se melhor em dar maiores desenvolvimentos a uma fórmula feliz e generosa, sim, que porém permaneceu estacionada. Hoje apenas atendem à enfermidade, muito pouco ao falecimento, e se esquecem de outras circunstâncias críticas da vida do pobre. Melhor seria que existissem menos e fossem mais ricos e prósperos, assim poderiam atender a mais necessidades.”²⁶

Não é exagerado afirmar, portanto, que, antes de contar com a garantia oferecida por um organismo superior - o que ocorre ao contrário em muitos países industrializados²⁷ - as sociedades espanholas têm que viver cada uma por sua própria conta, o que não quer dizer que não sonhassem com federações²⁸. Como confirma a cronologia à qual aludimos um pouco antes, isso não impediu, e é um aspecto fundamental de sua experiência, que conseguissem manter-se com vida durante decênios. A este respeito, a existência de socorros vinculados ao mundo sindical - a UGT ou uma ou outra federação de ofício²⁹ - a partir de fins do século, não corrige a experiência, uma vez que nesse caso trata-se de uma relação entre o socorro e uma filiação militante que lhe dá um sentido suplementar.

A intervenção do Estado nesse campo também teria podido favorecer uma percepção mais técnica e ideologicamente

²⁶ R. ALBÓ Y MARTÍ. *Barcelona Caritativa, Benéfica y Social*. Barcelona, 1914, 2 vols., t. 2, p. 271. Está claro que não se trata de um testemunho qualquer e sim de uma das manifestações nostálgicas para integrar o socorro mútuo em uma rede caritativa. O diagnóstico, porém, parece inquestionável.

²⁷ Cf. para a França, M. REBÉRIOUX. “Mouvement syndical et santé”, vol. 1, *Prévenir* (18), Marselha, primeiro semestre de 1989, p. 16-23. Inclusive na Itália a situação se afasta da espanhola (D. MARUCCO. *Mutualismo e Sistema Politico. Il caso italiano (1862-1904)*. Milão, F. Angeli, 1980, p. 118-146. É notável que os dados estatísticos são interrompidos na Itália em 1904, quando estão começando na Espanha).

²⁸ Além da já citada União e Defesa, há que citar como caso muito significativo a tentativa da cúpula das Três Classes de constituir um montepio de grandes dimensões (cf. M. RALLE, “El montepio obrero...”, *art. cit.*, p. 19, n. 43).

²⁹ Por exemplo, a Federação de Tanoeiros, caso bastante excepcional.

mais neutra do socorro. Essa conseqüência foi apontada por historiadores de outras experiências, por exemplo a francesa³⁰. Não obstante, já se sabe que, salvo pequenos e provisórios incentivos de Moret, anteriormente mencionados, e de algumas outras personalidades, o Estado espanhol não se coloca ainda o problema de uma eventual intervenção, contentando-se, por um lado, com a presença das iniciativas católicas, as quais não viam com bons olhos esse tipo de concorrência e, por outro lado, com o controle policial do fenômeno associativo. É bem verdade que dificilmente as autoridades teriam usufruído de um consenso para conseguir atuar com eficácia³¹.

Semelhantes condicionamentos parecem-me decisivos para explicar a ampla imobilidade dominante nas modalidades previstas pelos montepios operários. E não parece contraditório afirmar que nestas existe uma forte carga simbólica, o que explicaria em parte a permanência da equivalência, que se expressa, no que se refere às contribuições, sob a forma de uma peseta/mês, também pode dizer-se um real*/semana. Proporcionalmente, as exceções são menores onde havia uma maior densidade de montepios. Entre os catalãos - modelo que não atinge as províncias de menor peso operário - é geral a contribuição de uma peseta/mês e a indenização de três pesetas/dia durante um ou dois meses em caso de acidente ou de doença grave. Inclusive as associações que não romperam todos os vínculos com a Igreja observam essas normas³². O que claramente acaba por triunfar nesse caso é um tipo de indenização patente e normativa da jornada perdida, por enfermidade ou por acidente,

³⁰ B. GIBAUD. *De la Mutualité à la Sécurité Sociale. Conflits et Convergences*. Paris, Editions Ouvrières, 1986, p. 44-53.

³¹ No entanto, é notável a expectativa das Três Classes, claro exemplo das diferentes reações dentro do mundo operário “[...] o trabalhador persegue o ideal de que a sociedade haverá de garantir a vida dos homens, tanto na juventude como na velhice, quando ficarem inutilizados nas operações do trabalho, como se vem fazendo em outros serviços que não são mais dignos do que aqueles exercidos por esta classe” (*El Obrero*, 19/04/1889), (cf. também M. RALLE, “El montepío obrero ...”, p. 19, n. 21).

* N. T - Moeda espanhola de níquel que equivalia a 25 centésimos de peseta.

³² Unión y Defensa de Montepiós de Barcelona y sus afueras. *Estado de cuentas desde 1º de enero hasta 31 de diciembre de 1906*. Barcelona, 1907.

às expensas de outra tendência, bem mais minoritária, que é a de compensar de preferência os gastos propriamente médicos. Não se trata apenas de um movimento de imitação ou de inércia, próprio de práticas muito difundidas desde tempos atrás³³. Parece que os membros sentiam-se mais atraídos - é uma hipótese minha aqui apresentada com prudência - por aqueles projetos que implicavam em que a associação fosse um elemento da construção de um serviço muito relacionado com o problema da perda de emprego, deixando de lado, em certa medida, o papel de difusão do acesso à medicina, em outras palavras, a função técnica menos lastreada de compensações ideológicas ou, pelo menos, simbólicas.

Não são essas provavelmente as únicas razões da permanência dessa forma de socorro. Mas a consequência disso é digna de atenção: os numerosos montepios que conservam o princípio da indenização da jornada ajudam de fato a manter a centralidade da preocupação pelo direito ao trabalho em detrimento de outros tipos de prestações, emergindo muito timidamente a tendência a aproximar-se do problema da saúde, este último, sem dúvida, muito relativo, e vivido de modo bastante passivo - apesar das dimensões trágicas das situações - pelos operários da Restauração. Em todo caso, é sugestivo que a "medicalização" do socorro mútuo francês tivera lugar, ao que parece, enquanto seu projeto social tendia a dissolver-se³⁴. O montepio operário na Espanha não pode ser interpretado, portanto, a partir do papel reformista aparentemente proclamado por sua função de socorro mútuo, mas sim seria necessário situá-lo como uma das respostas ao problema do desemprego, juntamente com outras mais ofensivas - partilha do trabalho, monopólio de colocação pelo sindicato, etc. Mas, à semelhança dessas, é também uma das manifestações da presença ampla, no

³³ Essa tendência, por outro lado, é um pouco mais palpável entre os estatutos que se encontram na biblioteca do Ministério do Trabalho. Provêm de montepios operários de princípios do século com uma porcentagem de associações catalãs muito mais fraca do que as que realmente existiam. Evidentemente os gastos médicos podiam tornar mais complicada a contabilidade das sociedades de socorro.

³⁴ B. GIBAUD, op. cit., p. 44; M. REBÉRIOUX assinala a indiferença das organizações operárias francesas em *art. cit.*, p. 16-24.

discurso, da idéia de que se pode proporcionar ao desemprego uma solução interna às organizações operárias.

2. "A ASSOCIAÇÃO É SOCIALISMO"?

Pode ser que soe paradoxal estabelecer uma relação entre o mundo do socorro e a representação utópica da organização, esta última freqüente nas correntes operárias sobretudo a partir da fase de expansão da Federação Regional Espanhola da AIT [Associação Internacional dos Trabalhadores]. Mas não seria altamente significativo que existisse essa semelhança em um discurso aparentemente menos ideológico e mais espontâneo que o dos libertários ou dos socialistas? O tipo de filiados às sociedades de socorros mútuos, apesar de ser provavelmente muito distinto do militante radical, não deixava por isso de ter certo contato com a temática que representava o fato de se criar uma organização como solução privilegiada de todos os problemas colocados pela vida social. E, de fato, é o que também dizem muito freqüentemente seus textos, já que, ao lado do socorro por enfermidade ou acidente que tentam realizar tanto concreta como simbolicamente, evocam projetos mais ambiciosos (invalidez, velhice). Em certo número de casos, inclusive, trata-se de formas de associação para cooperar - no consumo mais do que na produção - para o divertimento, para educar e até para "resistir", no sentido sindical que então se dá a esta palavra. Até a idéia, com precedentes notáveis e significativos³⁵, de que um dos resultados de uma cooperativa de consumo seria a acumulação de fundos para a resistência está presente às vezes nos discursos dos montepios operários.

Os estatutos dos montepios, de modo mais freqüente, não viam a atividade socorro em caso de doença ou acidente como o fim único do ato de associar-se para obter socorro, mas

³⁵ Cf. a descrição que *La Solidaridad* (número 9, 12 de março de 1870, Madri) faz dos objetivos da cooperativa A Emancipação de Palma de Mallorca: "10% para a Caixa Internacional de Resistência; 30% para fomentar maternidades, albergues, asilos e pensões para os enfermos e incapacitados, e 30% para o capital coletivo para construir a sede para a Associação e desenvolvimento das seções de produção".

sim como o primeiro passo no caminho de uma liberação mais ampla que outros objetivos viriam a tornar concreta. Com efeito, a necessidade de continuar existindo sem quebrar supõe que a maior parte dos artigos se dediquem a apresentar as normas da função de socorro, porém na parte dos regulamentos, desvinculada de seu aspecto técnico, isto é, nos preâmbulos, são evocados fins eventuais que somente chegariam a funcionar se as possibilidades de tesouraria tivessem capacidades muito maiores. A proposição mais freqüente é a de organizar o socorro aos inválidos, o qual, segundo vimos, permanecia desprezado pelos patrões e ainda mais pelo Estado. Para os montepios operários, tal como funcionavam nos decênios estudados aqui, era uma impossibilidade técnica dar uma pensão de velhice àqueles que tinham que deixar de trabalhar por causa de um acidente ou da idade. Supunha uma quantidade de dinheiro que somente podia ser alcançada com um acúmulo de contribuições durante muitos anos³⁶. Quase ninguém ignorava, sobretudo em um sistema de contabilidade muito simples, que três inválidos socorridos com duas pesetas diárias esgotariam todas as contribuições que poderiam ser recolhidas por uma associação de duzentos membros. Por certo, os folhetos das sociedades não falavam da possibilidade de uma pensão de invalidez decente, salvo como um projeto distante. No entanto, não a haviam abandonado totalmente, desde que não excedesse certos limites: que a associação não despendesse com ela mais do que a soma de uma peseta por dia³⁷. Se a associação contava com vários inválidos, a peseta era dividida por um número equivalente de partes e já não consistia em mais do que uma ajuda simbólica, mas ainda muito onerosa para os fundos comuns (para um

³⁶ B. GIBAUD, *op. cit.*, p. 25. É característico que o Fomento do Trabalho Nacional, diante de solicitação do bispo de Barcelona, considera impossível a realização de um socorro mútuo para a invalidez e a velhice (*cf.* M. RALLE, *art. cit.*, p. 18, n. 20).

³⁷ Este é o caso de uma organização aparentemente potente, a Sociedade de Oficiais Tanoeiros de Barcelona e seus arredores (*Reglamento* aprovado em 21/07/1908): “art. 9: As quantidades proporcionais para cada inválido ou incapacitado para o trabalho não poderão exceder durante o presente ano 50 cêntimos cada dia.” (Archivo del Gobierno Civil, Barcelona, Negociado de Asociaciones; expediente nº 5.579).

montepio com 150 filiados, comprometia 20% da arrecadação mensal).

É evidente que era mais do que um propósito abstrato: tratava-se de mostrar que começava a ser cumprida a promessa de que o montepio operário não se limitaria a dar resposta ao acidente de saúde. Levar a cabo um pequeno exemplo de uma ambição maior podia sugerir que outras atividades não permaneceriam apenas em projeto. Outra vez é preciso sublinhar que isso era colocado enquanto a maioria da opinião operária desconfiava das respostas que pudesse dar o Estado em matéria de ajuda social. De todo modo, nos estatutos, ou melhor nos preâmbulos, aparecia a perspectiva de criar serviços capazes de concorrer para a liberação dos trabalhadores: socorro desemprego, educação, diversões “lícitas” e até caixa de resistência. Sem que isso fosse dito explicitamente, pode-se interpretar, no entanto, como uma tentativa de reconciliação entre a modesta atividade de socorro e a solidariedade operária revolucionária. Ainda que expressa de modo confuso, a presença, no campo do socorro, da possibilidade de se possuir fundos de uma cooperativa de consumo, é uma boa confirmação do carácter multifacetado do projeto organizativo³⁸ que também inspira a solidariedade mútua operária. Como no caso da visão radical e antiautoritária da associação de defesa sindical - a que no modelo da Primeira Internacional supõe uma caixa de resistência, tema tão presente, por outro lado, no discurso sindical socialista - está claro que para aqueles que redigem e difundem os estatutos dos montepios, as capacidades de uma organização que acumula

³⁸ O objetivo de construção de uma organização auto-suficiente se expressa nas distintas iniciativas de associação e segundo combinações variáveis. A título de exemplo do artigo 1º da sociedade cooperativa A Sabedelense: “Seu objetivo é o auxílio mútuo entre os sócios que a componham melhorando suas condições, moral, intelectual e materialmente, por meio da instrução e do auxílio mútuo para cuja implementação criar-se-ão as escolas laicas que se considerem necessárias, à medida que os fundos sociais o permitam, e comprar-se-ão, ao preço mais reduzido possível, os artigos de consumo que se julguem mais convenientes para cedê-los depois aos sócios pelos preços que rejam a localidade.” (Archivo del Gobierno Civil, Barcelona, Negociado de Asociaciones, expediente nº 787).

fundos e forças poderiam ser ilimitadas. Também nesse caso a associação é implicitamente concebida como um fim amplo, quase como um marco no qual viver. Parece, por sua vez, ser um dos ecos, e tão duradouros nesse campo como em outros, daqueles projetos difundidos com maior força a partir da Primeira Internacional.

O discurso do montepio constitui, portanto, uma incitação a interrogar a história da idealização da organização tal como começaram a divulgá-la de modo público, a propaganda e os periódicos da Federação Regional Espanhola. De fato nascera antes e esta a encontrou já constituída. A esse respeito são significativas frases como estas do velho Fernando Garrido em sua *Historia de las clases trabajadoras*:

“O caráter geral, comum a todas as doutrinas socialistas, é o de querer reformar e melhorar a sociedade aplicando a tudo o princípio da associação. Por isso foram chamadas de socialistas ou de societárias, e não por querer aplicar seus sistemas reformistas à sociedade, como muitas pessoas pensam, autoritariamente, [querem] os socialistas modernos.”³⁹

Segundo as análises de Sewell ou Thompson sobre a passagem da corporação à associação, esses temas não teriam por que surpreender, pois não seriam senão outro exemplo a mais do tipo de projeto utópico que carrega dentro de si mesmo o movimento de solidariedade operária antes da aparição formal das organizações de classe⁴⁰. Porém é mais específica da realidade espanhola sua permanência de fato até bem começado o século XX, pois sua marca está presente tanto no debate, já mencionado, do sindicalismo de “bases múltiplas” como nas distintas representações idealizadas da organização do primeiro socialismo

³⁹ F. GARRIDO. *Historia de las Clases Trabajadoras*. Madri, 1870; reed. em Madri, Zyx, 1971, t. 4, p. 25.

⁴⁰ W. H. SEWELL, *Gens de Métier et Révolutions* (trad.), Paris, Aubier, 1983, p. 223-264.

espanhol, sem deixar de lado tampouco variantes libertárias sobre as quais se interrogou Anselmo Lorenzo⁴¹.

Os temas aparecem bem fixados antes da constituição da Federação Regional Espanhola, como já demonstra em 1866 a seguinte passagem de um artigo de Gusart em seu famoso e precursor *El Obrero*. Escrevendo sobre as possibilidades das “associações” declarava o seguinte:

“(...) estaremos seguros de sempre encontrar amigos que nos recebam em seu seio como indivíduos de uma mesma sociedade que tem por objeto prestar-nos amparo e proteção em todos os momentos da vida.

Estabelecida dessa maneira a sociedade pode constituir-se ao mesmo tempo em caixa de crédito mútuo sobre o trabalho, em banco de previsão para as doenças e a incapacidade, estabelecendo uma mesma relação entre todas as seções da mesma.

Os projetos de consumo e produção ocuparão também um lugar de preferência e serão de aplicação imediata uma vez que são o principal elemento que há que controlar, como meio para dar segurança às demais obrigações da coletividade.”⁴²

Já se pode adivinhar, por certo, que tipos de discurso serviam de justificação àquelas iniciativas, mais escassas, de cooperação, de educação, de lazer que também proclamavam-se independentes de qualquer “orientação política ou religiosa”⁴³. A visão idealizada da associação não era transmitida somente pelas organizações operárias ou por aquilo que a elas estava vinculado - já aludido por Fernando Garrido. Essas intervenções não são excepcionais nem limitadas no tempo. Voltaremos a encontrá-las numa fase posterior do republicanismo e com

⁴¹ A. LORENZO. *El Proletariado Militante*. Barcelona, 1901, reed. em Madri, Zyx, 1971, p. 135-142.

⁴² *El Obrero*, 18/03/1866.

⁴³ O preâmbulo do Montepio São Miguel Arcaño de San Martí de Provensals afirmava ainda em seus estatutos de 1905 que “[...] toda idéia política ou religiosa é rejeitada” (Archivo del Gobierno Civil, Barcelona, Negociado de Asociaciones, maço nº 830).

bastante freqüência. A seguinte citação de *Las Dominicales del Libre Pensamiento* é uma boa prova disso:

“Tratamos deste assunto extensamente porque merece, porque se refere ao que há de mais essencial e íntimo em nosso tempo: a associação, a santa associação; essa união fraternal, essa comunicação livre dos homens, amparados por todos os povos civilizados, consagrada nas leis, vista pelos pensadores como o cimento de uma nova vida pacífica, fraternal, feliz, sem guerras e sem os horrores que enegrecem os séculos que deixamos para trás, durante os quais a Igreja católica dominou como senhora absoluta.

Estas sociedades de mutualidade de socorro, de amparo, de confraternidade, são o santuário da civilização, e devem ser respeitadas mais que todos os santos adorados nos altares. Aqui há ídolos, matéria, formas, já vãs, já impotentes. Ali há essência, há alma, há espírito.”⁴⁴

O texto sugere a existência de uma referência ideológica muito mais ampla do que a que sugerimos até agora. Mas essa extensão é precisamente o que mostra, a nosso ver, a vivacidade dessa referência com relação à qual as organizações operárias não desenvolveram uma análise argumentada. Entre o socorro e o sindicalismo existe, pois, mais continuidade do que a historiografia chegou a supor durante certo tempo. Como vimos, não se trata apenas de um problema da função da qual se encarregaram as organizações operárias socialistas, e em certa medida anarquistas, em uma segunda fase de sua existência. De todo modo, isto já não seria pouca coisa. Se é verdade que, durante o último terço do século, as trajetórias tenderam a divergir, isso não elimina o fato de que as associações de socorros mútuos estiveram impregnadas, elas também, da perspectiva de construir uma associação ideal, sem contato com o Estado. No seu nível, o socorro mútuo demonstra que a mais notável de todas as heranças do movimento associativo sob suas distintas formas (resistência, direito à saúde, novas solidariedades, nova cultura, etc.) foi que

⁴⁴ *Las Dominicales del Libre Pensamiento*, 20/09/1890.

compartilhou as representações que conferiram ao movimento operário organizado na Espanha, em suas primeiras fases, sua identidade. A duração desse projeto, no caso do socorro mútuo operário, é confirmada pela abundância de estatutos e regulamentos no princípio do século XX⁴⁵. Inclusive, se então estava mudando o contexto político, é a prova da variedade e da vivacidade das modalidades de transmissão do projeto, elaborado muito antes, com suas referências utópicas.

3. ALGUMAS PERGUNTAS FINAIS

Se as representações que o socorro mútuo chegou a difundir tenderam a reforçar o tema da exaltação da organização como solução privilegiada, a efetividade de sua intervenção na melhora da condição social do mundo operário deveria ser muito mais modesta. Mas como já dissemos, nesse caso não temos ainda dados suficientes para avaliar a situação. No momento, aproveitamo-nos da análise das atitudes e dos discursos. Contudo, não se deve esquecer que, para obter uma imagem mais precisa da vida operária e de sua evolução diacrônica, os elementos estatísticos são imprescindíveis.

Permanecem pendentes, portanto, outras perguntas e somente vou mencionar algumas. Se é verdade que o socorro mútuo nasceu tarde na Espanha, pelo menos em seu aspecto moderno, seria interessante saber como transcorreu a substituição das irmandades pelos montepios propriamente operários. O caso valenciano descrito por Pérez Pujol alude (trata-se do ano de 1871, é claro) a certo êxito de uns e de outros⁴⁶. Não é evidente

⁴⁵ A biblioteca do Ministério do Trabalho proporciona uma grande quantidade de estatutos e regulamentos construídos segundo esse modelo implícito.

⁴⁶ PÉREZ PUJOL. *La Cuestión Social en Valencia*. Valência, 1872. As práticas do socorro mútuo variam ainda: “[...] uns se inclinam a dar somente dietas aos enfermos, por si não lhes inspira confiança a assistência da Sociedade, outros crêem oportuno que a Associação organize o serviço médico, coisa que todos aceitariam quando houvesse meios de constituí-lo com perfeição, recompensa ao concurso de um grande número de sócios” (p. 41-42).

que todas as regiões possam invocar uma tão rica tradição associativa como a dessa cidade, nem uma vida econômica comparável.

Outra lacuna importante - e sem seu esclarecimento continuaremos sem entender a história do sindicalismo têxtil catalão - é a que diz respeito à maneira como integrou desde muito cedo a ajuda mútua e as modalidades do seu posterior abandono. Entender o que ocorreu depois de uma fase em que, ao que parece, as Três Classes do Vapor conseguiram combinar as duas coisas, parece-me um tema apaixonante. A predominância a partir de 1880, pelo menos, do socorro territorial na Catalunha (que ocorria em parte dos ofícios) às expensas de um socorro profissional, e aí estão os numerosos montepios assinalados para demonstrá-la, desembocou muito provavelmente na marginalização de parte da mão-de-obra têxtil - feminina ou infantil - no que diz respeito à ação de organização⁴⁷. Foram muito majoritariamente operários os filiados aos montepios territoriais catalãos? Não houve nesse processo uma participação combinada de gente de artes e ofícios com pessoas que estavam nas margens da classe média e do mundo operário? É evidente que, se semelhante "interclassismo" pudesse ser demonstrado, teria um significado político. Porém, chegou a existir? E fora da Catalunha, qual é o peso do movimento, suas tendências? Indubitavelmente Madri o integra através do sindicalismo socialista. Mas, na mesma capital, não sobraram áreas sociais desatendidas?

Cabe mencionar, por fim, que no estudo de todo fenômeno social - e ainda mais em se tratando de algo institucionalizado, e o socorro mútuo o é - existe o risco de exagerar sua importância dentro da dinâmica social. Não se deveria esquecer de que existiram outras formas de solidariedade, mais informais (desde as familiares até as comunitárias) e sobre as quais pouco sabemos.

Mas, ao fim de contas, o que parece decisivo é que, junto com outras formas de sociabilidade, o socorro mútuo aceitou um

⁴⁷ A luta dos trabalhadores das Minas de Triano para desvencilharem-se da tutela das companhias tampouco desemboca em um socorro alternativo organizado por trabalhadores (cf. nota 14).

modelo implícito de socialização quando precisamente o mundo operário estava tentando, com dificuldades, buscar formas específicas de vida social.

Tradução de Claudio H. M. Batalha



Prosperidade catalã - Barcelona ao final do século XIX oferece o espetáculo de uma cidade ativa e dinâmica. A multidão circula pela *rambla de los Estudios*.

[BENNASSAR, Bartolomé. *Histoire des espagnols*. Paris : Colin, 1985. V. 2. p. 221](#)



Rebajo, o porto de Barcelona.

BENNASSAR, Bartolomé. *Histoire des espagnols*. Paris : Colin, 1985. V. 2. p. 222